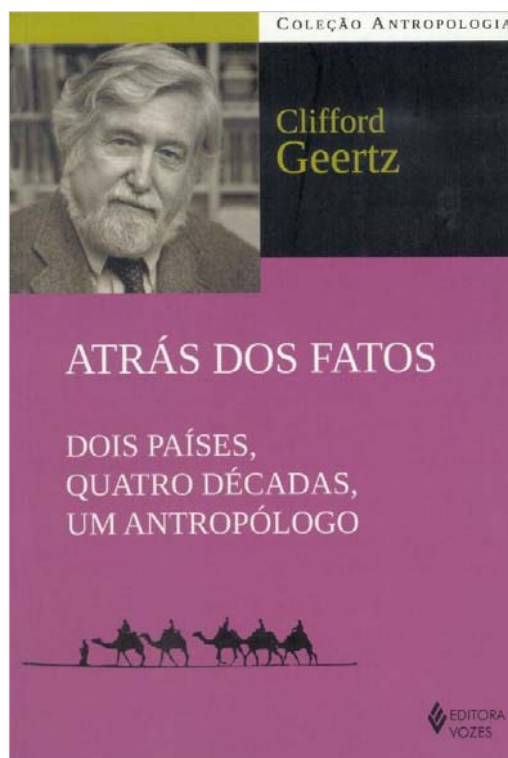


Um exercício magistral sobre a antropologia cultural

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dg.consumidor.pt

Clifford Geertz foi um dos nomes proeminentes da antropologia, sobretudo no último quartel do século XX. Em boa hora a Editora Vozes traduziu o seu livro de 1995 “*Atrás dos fatos, Dois países, quatro décadas, um antropólogo*” (Editora Vozes, 2012). É um exercício memorável sobre quatro décadas de atividades em duas cidades distanciadas por muitos milhares de quilómetros, uma delas situa-se numa curva da estrada do Sudoeste Asiático e a outra é um ponto de passagem no norte de África. No seu exercício de rememoração às mudanças operadas, ele resiste a comparar o antes e o depois, aquele tempo e o de agora, lembra ao leitor que também mudou o antropólogo como igualmente mudou a estrutura científica da disciplina em que o antropólogo atua, como mudou o mundo cosmopolita de que os dois países fazem parte. Comunicando com rara acessibilidade, de uma forma elegante e precisa, o antropólogo, que se vê à léngua ser dotado de um impressionante talento e de uma visão abrangente, que não tem farroncas quando alardeia as provas da sua impressionante bagagem cultural, confina-se neste seu livro a observações liminares, mostra-se humilde nos relatos sobre as mudanças observadas em Sefrou, em Marrocos e em Pare, na Indonésia.



Lembra ao leitor que tudo começou nos anos 50, Pare era então uma decadente cidade que vivera o turbilhão das lutas entre os muçulmanos e os comunistas, de que Sukarno saiu vencedor, a matança em Pare atingiu níveis de horror indescritíveis. Sefrou, por seu lado, por essa época era pouco mais de que uma sólida cidadezinha com 20 mil

¹ Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

habitantes, berberes, árabes, judeus, comerciantes, nobres, artesãos, alguns colonos franceses, professores e administradores, todos a circular tanto por vielas estreitas como por avenidas amplas. Depois cresceu, em meados dos anos 80 a sua área de ocupação havia quadruplicado, era quase irreconhecível. Mas continuava a ser antropologicamente muito atraente com as suas mesquitas, sinagogas e uma igreja católica. A cidade velha acabou por ser engolida pela expansão urbana, os bazares tornaram-se difusos. E então o antropólogo medita sobre as grandezas e os infortúnios do conhecimento antropológico.

De onde vem o modo como se fala sobre a realidade? E ele responde: «Indagar se Pare é realmente uma sucessão de disputas de poder ou se Sefrou é de facto uma imagem que se dissolve é um pouco como perguntar se o Sol é mesmo uma explosão ou se o cérebro é realmente um computador». As coisas são o que são: dramas são dramas. Mas é a forma como as questões se mostram que autorize o seu uso. A incumbência essencial é contar aquilo como de facto aquilo é. O discurso antropológico decorre da construção de sistemas de discursos. E o autor confessa-se: «A minha narrativa sobre as duas cidades não foi concebida para estabelecer uma diferença; ela é projetada em função de uma utilidade interpretativa. Agora que estou livre da pressão imediata, quero desenvolver um meio de falar sobre temas que transcendem e englobam tais ocorrências». O resultado é sempre insatisfatório, e o antropólogo jamais dá por encerrado o seu trabalho. As duas cidades têm identidades e há que conhecê-las. Marrocos é uma monarquia, no país há tribos e cidades e desde a independência que o país busca avançar para a modernidade. A Indonésia tem um passado com palácios, camponeses, portos e hierarquias. A cidadania é algo de novo nestes países, o mesmo não se passa com a identidade. É um lugar-comum dizer-se que ninguém confunde Marrocos com a Indonésia. É certo que Marrocos foi colonizado por franceses e espanhóis e a Indonésia por holandeses. Marrocos é quente, seco e afro-litorâneo, encravado entre as tempestades do Atlântico e as do Sahara; a Indonésia é morna, húmida e malaio-arquipelágica, encharcada pelos ventos asiáticos durante metade do ano e seca pelos ventos australianos durante a outra metade. A Indonésia tem petróleo, Marrocos tem fosfatos, trigo, azeitona, laranjas e lã. Claro que há semelhanças, ambos são islâmicos, cada um emergiu para o prestígio europeu da II Guerra Mundial. Nenhum deles é rico, pobre, marxista ou democrático. O antropólogo tem que estar vigilante. Por exemplo, em Marrocos, por mais de 11 séculos, de um enorme labirinto de lealdades,

rivalidades, conspirações e traições, a partir de uma multidão de chefes tribais e urbanos notáveis. A Indonésia está dividida em ilhas em vez de terras contínuas, as unidades são os povos, e o meio conectivo opera uma ideologia de identidade geral, com javaneses, acehnese, dyaks, danis, muçulmanos, hindus, cristãos, malaios, chineses e papuas. Para apreciar as diferenças é indispensável organizar uma análise. Por vezes é necessário estudar e depois criar distância para olhar rigorosamente a continuidade e a interioridade fixa que paira através do tempo. E então o antropólogo quase que filosofa: «Não importa para onde ou quando se olhe, o que se encontra em Marrocos são movimentos regionalmente gerados que avançam, recuam ou oscilam; o que se encontra na indonésia são comunidades culturalmente distintas que se ampliam, se reduzem ou se afastam. O que perdura, ou ao menos o que tem permanecido por muito tempo não é aquilo que esses países são. O que permanece é aquilo que eles enfrentam: a diversidade, a dispersão e a enorme tenacidade da aliança imediata – para um indivíduo a força do carácter, de um lado; para o sentimento coletivo a força da semelhança, do outro». Por isso o olhar do antropólogo mede-se pelo compasso histórico, é preciso conhecer a economia, a disputa política, o nível das querelas internas, por exemplo.

E chegamos à questão central, as culturas; apreciar os lugares onde elas fermentam, o antropólogo tem que conhecer a língua e viver com um certo grau de intimidade entre as populações, conhecer as atitudes de género, a discriminação do status, saber olhar e saber escutar. Clifford Geertz tem aqui algumas das suas páginas de ouro, estabelece um arco amplo na transversalidade das ciências sociais e humanas. O antropólogo viveu a Guerra Fria, tem de estar atento ao passado e ao presente, ao Oriente e ao Ocidente, ao Eu e ao Outro, perceber, por exemplo, o entendimento destas populações sobre os Estados Unidos da América, perceber também as interações morais, os culturalismos, saber usar a cronologia dos eventos para melhor entender como irrompem os contextos.

A antropologia é relativamente recente e Clifford Geertz conta a sua evolução; como os anos 60 (os anos da descolonização) foram determinantes para a sua aceitação em meio universitário. Para quem quer entender o percurso da antropologia, as suas confluências com as outras ciências sociais, tem tudo a ganhar com o testemunho deste renomado cientista. E a sua reflexão parte para outro território aliciante, o da modernidade, o que há de arrebatador nesta palavra que é também um conceito, um adjetivo e uma linha divisória: porque há o moderno e o tradicional, há o atrasado e o

avançado, há o espírito da época e o arcaico, há o progressista e o retrógrado, há o espírito de ir sempre mais longe ao contrário do que fica imóvel e perdido na noite dos tempos. São páginas sublimes, o fecho da abóbada de uma das mais belas digressões da literatura memorialista que me foi dado ler.

Para antropólogos e curiosos de todas as proveniências, este livro é de uma grande importância para avaliar a poderosa dinâmica das ciências sociais no nosso tempo.